

A COMPLEXA RELAÇÃO IDENTITÁRIA DOS ÍTALO-BRASILEIROS: ESTUDO DA TRAJETÓRIA DE UM CAPIXABA EM TRENTO

*Luís Fernando Beneduzi**

Resumo: O presente artigo tem como tema central a migração de brasileiros, descendentes de italianos, à Itália. Discute-se como, no caso destes migrantes brasileiros, as dinâmicas identitárias envolvem um processo de autoidentificação com determinados grupos (nacionais, étnicos, sociais) e com certas práticas culturais. O descendente, criado em um espaço cultural de imigração, no contexto brasileiro, cresce como italiano. Na viagem para a Itália, descobre que o seu “ser italiano” é diferente daquele encontrado na terra de onde partiram os seus antepassados. Considerando interligação entre a realidade presente e a memória sobre o passado vivido, pretende-se analisar a trajetória de um descendente de trentinos, residente na cidade de Trento (Itália).

Palavras-chave: Dinâmicas identitárias; Migração brasileira; Itália; Memória.

Abstract: The paper's central issue is the migration of Brazilian, whose are descendants of Italian migrants, to Italy. It is discussed how, in these Brazilian migrants cases, the identity dynamics evolve a process of self-identification with some (national, ethnic, social) groups and with some cultural practices. The descendents, raised in a migrant cultural space in Brazil, grows as Italian. In the travel to Italy, they discover that their “Italian being” is different of the one they find in their ancestors' land. Considering the connection between the present reality and the memory of the lived pass, the trajectory of a Trentino descendent which lived in the city of Trento (Italy) will be analyzed.

Keywords: Identity dynamics; Brazilian migration; Italy, memory.

As dinâmicas identitárias envolvem, também, um processo de autoidentificação com determinados grupos (nacionais, étnicos, sociais), com certas práticas culturais que se entende serem também do sujeito que se reconhece nelas. Quando se fala no ítalo-brasileiro, está-se adentrando em um campo híbrido no qual o sentimento de pertença é marcado por uma dupla vinculação, a qual pode ter sido fruto de uma construção que se produziu ao longo da vida do indivíduo, ou pode ser reflexo de um momento específico de sua existência. Ao mesmo tempo, como em todo processo identitário, as questões relacionadas ao outro, à alteridade, também são fundamentais para a compreensão do indivíduo sobre o seu pertencimento étnico-cultural.

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com Pós-Doutorado em História junto ao Grupo “Mujeres”, Universidade de Turim. É professor associado de História e Instituições da América Latina na Universidade Ca' Foscari de Veneza, trabalhando com pesquisas no âmbito das migrações internacionais e da História Cultural. É também professor dos Programas de Pós-Graduação em Letras e História na Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisador CNPq.

Em uma entrevista realizada na Itália,¹ o esposo de uma ítalo-brasileira – também ele brasileiro, mas sem descendência italiana – dizia que sempre tinha achado que sua esposa fosse italiana. No entanto, desde que os dois foram morar na península, ele começou a se dar conta de que sua consorte era brasileira e não italiana. A percepção que este entrevistado oferece é emblemática para entender as questões de estranhamento no processo de vinculação a uma determinada cultura. No contexto brasileiro, as diferenças observadas no comportamento, nas ideias, nos hábitos da esposa levaram nosso colaborador, que era baiano, a encontrar semelhanças entre o que ele via e um certo outro, que ele identificava como italiano. Diferentemente, com a vivência na Itália, começaram a se sobressair algumas características – como a espontaneidade e a alegria – que ele entendia como associadas ao Brasil. Dessa forma, ele pôde reconhecer a brasilidade de sua esposa quando se deparou com o contexto da Itália contemporânea, pois não conseguia enquadrar aquela ítalo-brasileira naquele contexto peninsular.

Na verdade, esta identidade hifenizada do ítalo-brasileiro constrói para ele um entre-lugar, fazendo com que ele se sinta um pouco parte do “nós” e um pouco parte do “outro” nos dois lados do oceano. Como afirmava Ugo Foscolo – escritor veneziano do século XVIII, nascido nas ilhas gregas que pertenciam a República de Veneza – o homem com duas pátrias acaba sem nenhuma, pois se sente sempre estrangeiro aonde quer que vá (BENEDUZI, 2011). O descendente, criado em um espaço cultural de imigração, no contexto brasileiro, crescido com fragmentos dialetais italianos, com práticas culturais vinculadas à península itálica, cresce como italiano; porém, na viagem para a Itália, descobre que o seu “ser italiano” é diferente daquele encontrado na terra de onde partiram os seus antepassados. Tem-se que destacar, ainda, que o mesmo fenômeno pode acontecer com outros descendentes que, em algum momento da vida, tiveram que ter contato com informações que remontam à sua ascendência; a reconstrução de seus passados familiares pode detonar um sentimento de pertença, uma identificação com aquilo que eles imaginam ser a terra de seus antepassados.

Para melhor compreender essas realidades expressas acima, duas questões precisam ser ressaltadas: a relação entre presente e passado e a mitificação da experiência. Ambas as questões estão imbricadas, porque matizadas pelo tempo, aquele que produz novas leituras sobre o acontecido e também, assim fazendo, constrói novas relações míticas com a própria experiência, aquela que deve se concretizar e aquela que se tornou passado vivido. Enquanto espaço do além-mar, o imigrante construirá uma determinada imagem sobre a terra para onde pretende se deslocar, marcada por informações e contatos que provém, por diferentes vetores, daquela realidade; nesse sentido, as imagens que irá produzir sobre a realidade ainda não vivida, serão estruturadas segundo as notícias que chegam. No movimento do tempo e, também do sujeito migrante, esta imagem vai se transformando na medida em que a experiência indireta se transforma em vivência direta da realidade de imigração; não mais mediada pelos amigos e pelos diferentes meios de comunicação, mas pelas vicissitudes do cotidiano. Por outro lado, e aqui se observa com força a relação entre o passado e o presente, ou seja, o modo como o presente vai reelaborando o passado, tanto individual quanto coletivo, as perspectivas de um projeto realizado ou não, uma conjuntura de ganhos ou de perdas, vão encaminhar um tipo específico de leitura da experiência e, como consequência, seja da terra

¹ Entrevista a Juliano, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

de chegada seja daquela de partida, assim como da própria autopercepção identitária.

Nesse sentido, é emblemática a concepção trazida por Ricoeur (2003) acerca da produção de memória sobre os eventos passados, daquilo que deles permaneceu, que a coloca enquanto parte de uma elaboração realizada no tempo presente, vinculada ao mundo hodierno do sujeito. Portanto, o olhar dos ítalo-brasileiros sobre suas trajetórias e vivência na terra de nascimento e naquela de acolhida vai ser construída em um encontro entre a situação em que vivem na Itália e as imagens produzidas acerca do Brasil no contexto internacional. A rigor, está-se diante de processos sociais muito complexos e diversificados, com múltiplas varáveis, onde o presente da terra de partida e daquela de chegada interagem e interferem no contexto de produção mnemônica do imigrante.

Considerando interligação entre a realidade presente e a memória sobre o passado vivido, sem perder de vista que os fatos acontecidos e a elaboração de novas imagens são fruto de determinadas leituras sobre o passado, pretende-se analisar a trajetória de um descendente de trentinos, residentes, no momento das entrevistas, na cidade de Trento, proveniente interior do estado do Espírito Santo.

Com relação as entrevistas, dentre as quais se selecionou aquela que será analisada no presente artigo, deve-se evidenciar que fazem parte de um projeto maior de pesquisa, que busca analisar as dinâmicas de integração entre ítalo-brasileiros no contexto italiano. Todas as entrevistas deste ciclo aconteceram ao interno de uma sala de música, bem estruturada com relação à acústica, que era parte do complexo residencial estudantil da Universidade de Trento; local escolhido e reservado pelos próprios entrevistados. Naquele local, foram feitas entrevistas a onze colaboradores, nem todos ítalo-brasileiros, embora esse grupo fosse majoritário, e utilizou-se como estratégia para a produção da amostragem o sistema “bola de neve” (ou network), em um processo em que os sujeitos entrevistados são indicados por outros que já estão colaborando com a pesquisa. Por fim, é importante destacar que, antes da realização das entrevistas, organizou-se um encontro informal, como todo o grupo que havia demonstrado interesse em participar do projeto, com o propósito de explicar – em linhas gerais – a pesquisa em desenvolvimento e, ao mesmo tempo, estabelecer uma maior abertura para a sucessiva dinâmica de interação.

Conhecendo o “*homus imigrantis*”: a pré-imigração

Concluídas as considerações gerais do trabalho, torna-se relevante conhecer o protagonista da presente análise, aquele indivíduo cujo percurso migratório foi selecionado para narrar as dinâmicas complexas que envolvem a realidade dos ítalo-brasileiros no contexto italiano. Entende-se como fundamental, considerando o quanto afirmado anteriormente sobre a produção da memória, conhecer a realidade vivida ainda na terra de nascimento, no momento anterior à partida, não somente com relação à zona de proveniência, mas, sobretudo, ao tipo de imagem que o descendente tinham da terra de seus antepassados e que tipo de expectativa foram se construindo no momento anterior à partida.

Como primeiro passo, é necessário uma breve apresentação do nosso colaborador, para o qual se utilizará um pseudônimo, com o objetivo de respeitar o direito à privacidade. O anonimato, que se funda em uma relação ética de respeito e contratação entre pesquisador e entrevistado, tem por objetivo permitir uma maior confiança, estruturada a partir de usos

concordados da fonte, que é a própria experiência vivida do colaborador, e, como consequência, um diálogo mais aberto sobre a história pessoal. Trabalhar-se-á com a narrativa de Mateus, natural do Espírito Santo, que cresceu em uma das zonas de imigração italiana daquele estado.

O entrevistado – até o momento da busca do reconhecimento da cidadania, com a necessidade de reconstruir a sua linha de ascendência italiana – nunca tinha demonstrado interesse ou preocupação com relação à sua proveniência étnico-cultural trentina. A percepção de pertencimento a um determinado grupo étnico, trentino, nasce nesse segundo momento, quando ele se defronta com a história familiar, funcionando, em uma consequentialidade, como propulsor da sucessiva experiência individual de emigração.

É muito comum, e observou-se em outras entrevistas realizadas no mesmo período, sempre na cidade de Trento, que a viagem à terra dos antepassados seja financiada pela província de Trento, ou seja, que os jovens recebam uma bolsa de estudos, por serem descendentes de trentinos, para cursarem uma graduação ou pós-graduação na Universidade de Trento. Mateus apresenta uma história bastante singular neste quesito, considerando que ele não parte para a Itália motivado/financiando pela província de Trento ou por qualquer outro órgão do governo italiano: ele autopromove a sua viagem.

Como afirmado logo acima, em um primeiro momento, até o início da organização de seu processo de cidadania, o estudante capixaba não tem nenhum vínculo específico com sua ascendência étnica. Segundo suas informações, ele somente vivia em uma região de imigração italiana, sendo que, no entanto, os seus únicos contatos com a cultura da península (ou aquela trentina) eram algumas poucas histórias que seu avô contava, que recordavam a região de partida dos antepassados. Esse contexto e essa experiência não havia produzido uma ideia de pertença ou uma necessidade de conhecer o outro lado do oceano, de onde provinha sua origem familiar. Pelo contrário, o seu ponto de vista era abertamente contrário à emigração, considerada um abandono da pátria, era algo que não condizia com o seu modo de pensar:

eu, bem, de princípio, eu não era, eu não era eh... favorável a ideia de imigrar, eu sempre mesmo quando vendo na televisão e coisa e tal de pessoas que imigravam, pra outro país, eu meio que comigo, dentro de mim, eu disse ‘isso é uma loucura, tipo, nunca, não vai ser uma coisa que eu vou fazer’, acho que não há necessidade, eh... de princípio sempre fui um pouco contra.²

A percepção de Mateus sobre a sua partida em direção à Itália vai sofrer uma mudança, então, somente em um segundo momento, quando do encaminhamento da documentação – no consulado italiano – para o reconhecimento de sua cidadania. Em algum modo, a realização jurídica de sua dupla nacionalidade desencadeou um processo interior de revisão de sua auto-representação. De acordo com o seu relato, reconstruir a história familiar, retomar as narrativas do avô, dar-se conta que sua proveniência não é apenas de um território geográfico-nacional – a Itália – mas de um microcosmos específico, tudo isso produz novas sensações com relação à terra de partida dos ancestrais e um processo de aproximação afetiva, criando uma mudança na concepção do ato de partir:

² Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

depois que eu soube do fato da possibilidade da cidadania italiana, que representava uma facilidade nesse sentido, e também depois, e tendo, tendo corrido atrás mesmo da, da enfim da documentação pra adquiri-la, foi onde eu tive o contato com... alias foi, é onde que você descobre de fato se reconstrói ah, essa, essa origem familiar e tal, então aonde você vai, consegue individuar que não só o país é a Itália, como, como é ah... como é contado essa, toda essa retórica contada pelos avós, pelo pelo *nonno*, eh... então eu pude reconstruir, eh... identificar que a família de fato vinha da província de Trento, que era enfim essa cidade, o lugarzinho de onde vieram e tudo, e... claro tendo tomado conhecimento disso, eh... eu pensei então uma vez em...em...em vir, em tentar, pra justamente pra conhecer, porque cria-se então em torno a isso, não, não somente aquilo que... que o *nonno* conta 'ah, porque a Itália, e tal', então fica assim, sempre aquela coisa muito mítica, quando você toma conhecimento de que essa, essa...esse misticismos existe, que de fato, ou seja, o lugar não é só aquela, aquele ideal que contavam e tal, você, cria-se uma certa curiosidade, vamos ver como é, qual é, então cria-se essa, essa... não só oportunidade claro, material de ir, e, e... enfim de obter ah... a série de benefícios enfim, claro que a cidadania trás, mas também o fato de conhecer essa parte mítica, que sempre a família conta né, e...

A narrativa de Mateus, diferentemente de outras analisadas, apresenta essa especificidade de um desejo de conhecer a terra dos antepassados associado a um processo que vai se construindo através do tempo, do contato com a burocracia que envolve o direito italiano à cidadania. Os eventos que, anteriormente, faziam parte apenas de uma coisa que ele considerava “a narrativa mítica do avô”, ou seja, um conjunto de relatos vistos como distantes da concretude de sua existência, começam a se torna palpáveis, a partir do processo de descoberta das especificidades de sua proveniência.

É emblemática a associação possível entre as percepções de Mateus – ou as mudanças nelas observáveis – e os processos coletivos de construção das identidades, tanto individuais quanto étnicas e nacionais. Em todas elas, pode-se observar o relevante papel da concepção de uma história comum, de um conjunto de experiências passadas que acomunam os diferentes sujeitos que convivem ao interno de uma territorialidade. Da mesma maneira, o sentimento de pertença individual é marcado pelo reconhecimento de uma determinada trajetória familiar que cria afetividade com relação a novos espaço-tempos. O que eram fragmentos mnemônicos distantes, pertencentes à recordação de outros, torna-se – a partir da concretude atribuída pelo reconhecimento do lugarejo de partida – parte da história pessoal do sujeito, desencadeia uma nova percepção com relação à autorrepresentação de si. Denota-se aqui uma característica específica da etnicidade, ou seja, a fixação de símbolos identitários que caracterizam a crença em uma origem comum: a descoberta do nome da cidadezinha de partida funciona como detonador do encontro com essa origem partilhada (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 13).

Como poder-se-á observar mais adiante, esta realidade específica da vivência na terra de partida, assim como o processo de transformação que se processou no imaginário de Mateus, vai produzir uma determinada expectativa durante a dinâmica de expatriação, com relação ao destino da emigração: os primeiros passos na península itálica constituir-se-ão em uma busca da confirmação de imagens forjadas no contexto brasileiro. Para o nosso entrevistado, a viagem para a Itália, que acontece ao interno de seu processo de reconhecimento da cidadania italiana, é a confirmação das histórias de seu avô, a

concretização daquilo que ele descreve como narrativas míticas, a realização efetiva de uma identidade recentemente descoberta.

Entre experiência e expectativa, novas imagens sobre a terra de chegada

A partir do começo efetivo da viagem, mesmo que também o período anterior seja repleto de situações que encaminham um novo olhar sobre a experiência e novas expectativas sobre a terra para onde o entrevistado se destina, a Itália, dá-se início ao processo de trânsito de nosso protagonista, momento em que as diferentes imagens se colocam em forte confronto com os novos acontecimentos. Com o desembarque no aeroporto, a estada de cinco meses com parentes no sul da Itália e a viagem ao destino “final”, Trento – as situações concretas que se descortinavam para o estudante ítalo-brasileiro vão promovendo uma releitura das fotografias mentais que narravam a península. Naquele momento, como nos meses que se seguiram, a leitura que foi sendo elaborada acerca da realidade italiana vinculou-se às representações construídas na terra de partida, que se constituíam em uma espécie de lente para a leitura do se estava vivendo. Pode-se denotar como elemento chave neste deslocamento a confirmação (ou não) daquela Itália imaginada – terra dos ancestrais, comunidade idealizada –, com relação àquela encontrada.

Embora Mateus tivesse a intenção de ir para Trento, algumas condições objetivas, que ele cita, como o não conhecimento da língua italiana, o que impedia uma comunicação mais articulada, e a existência de parentes – uma tia paterna – na província de Caserta (sul da Itália), acabaram atrasando sua chegada ao lugar específico da partida de seus antepassados. Para chegar em seu destino, o entrevistado vai utilizar o reembolso de viagem, oferecido pela província de Trento para os descendentes que “retornam” à Itália:

depois de 5 meses eu vim pra pra Trento, de fato onde onde era o objetivo inicial, e... sim claro, quando eu tava lá justamente o fato que me ajudou a vir pra cá também, foi o fato que existia uma... uma espécie de reembolso das despesas, da passagem e tal, pra quem no caso voltava, no caso esses descendentes que faziam o ingresso na Itália, eu consegui por uma questão bem de sorte assim, porque tava acabando, a lei parece que foi modificada creio que poucos dias depois em relação a data que eu fiz a o pedido, então foi assim, fui um dos últimos mesmo, foi uma... foi muita sorte, e com esse, com esse dinheiro que eles me reembolsaram enfim da passagem ãh foi onde eu eu pude financiar o deslocamento, e de repente acho o primeiro mês aqui.³

Além do deslocamento, o reembolso das despesas do transporte aéreo – Brasil/Itália – permitiu a conclusão das últimas questões relacionadas ao processo de reconhecimento da cidadania, como a tradução de alguns documentos. Dessa forma, antes de partir de Caserta, Mateus deu entrada com a documentação para ter reconhecida a sua cidadania italiana. Terminada essa etapa, ele partiu diretamente para o lugar de proveniência de sua família, com o objetivo de conhecê-lo.

Durante sua breve permanência na pequena cidade trentina – apenas um final de semana – Mateus entrou em contato, por intermédio de uma cadeira de interlocuções com habitantes da cidade, com uma pessoa conhecida na comunidade, que possuía o seu mesmo

³ Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

sobrenome. O encontro acabou se constituindo em um evento de dupla importância na história de nosso protagonista: inauguração de um rápido processo de integração e propulsor de uma revisão de sua autopercepção sobre a sua “trentinidade”, em um segundo momento. Para Mateus, pensando no primeiro momento da relação, o contato com essa família foi um acontecimento de grande positividade, considerando a sua condição de imigrante recém-chegado, que, portanto, tinha necessidade de muita ajuda para se colocar socialmente e, os “parentes” trentinos, se mostraram muito abertos para oferecer esse apoio necessário:

ele me ajudou assim com... aquela coisa... aquela mesmo aquela ãh... vamos dizer aquela insegurança inicial, tipo, ah, tem alguém que de repente pode dar uma mão, for o caso de encontrar um trabalho, e porque de fato é difícil, sem saber nem um pouco italiano, sem uma documentação, enfim, vamos dizer tinha o que...tinha uma carta de identidade um, um recibo de um *permesso di soggiorno*, mas que não.. de fato não era nem o *permesso* em si, depois tinha toda a questão de que com o *permesso de soggiorno in attesa di cittadinanza*, não se podia trabalhar.⁴

No caso de Mateus, então, a família encontrada em Trento foi um ponto de referência em meio ao desconhecido, uma espécie de porto seguro para um jovem que chegava em um lugar “estranho”. Nesse sentido, como narrado pelo jovem capixaba, ele foi acolhido pelo casal com grande receptividade, mostrando-se interessado em colaborar com os seus primeiros passos na nova terra. Houve, inclusive, uma preocupação com a sua condição financeira, entendida por ele como uma grande gentileza, pois a mulher logo perguntou se ele tinha dinheiro suficiente para continuar se mantendo: “eh o meu dinheiro tava acabando, ela até veio pra mim assim e me perguntou ‘eu posso fazer uma pergunta indiscreta’, eu falei ‘faça’, ela perguntou, ‘como é que cê tá com dinheiro?’, ‘é acabou!’”.⁵

Na verdade, o primeiro emprego efetivo do imigrante capixaba – considerando que antes ele havia tido uma brevíssima experiência em uma pizzaria, por intermédio de uma agência de emprego – foi conquistado com a ajuda dos “parentes” trentinos. Dessa forma, ele começou a trabalhar em um bar, no centro da cidade de Trento e isso para ele foi uma realização pessoal muito importante, mesmo com o excesso de atribuições e com um horário de trabalho muito exaustivo, porque estava conseguindo “o seu próprio dinheiro” e conseguia pagar as suas despesas. Obviamente, como o processo de reconhecimento da cidadania não tinha sido concluído e a permissão de permanência com o objetivo de esperar a cidadania não permitia trabalhar, ele ficou no local como trabalhador não legalizado, *in nero*.

O ponto que turba sua relação com Trento, com a família que o ajudou ao início e com a sua autopercepção no contexto trentino, está vinculado a este emprego, ou melhor, a forma como se deu a cessação de seu trabalho. Quando acontece o fato – uma discussão com um casal de clientes amigos do proprietário – Mateus já estava descontente com as condições de trabalho que ele estava sendo sujeitado. Pouco a pouco, ele começa a se dar conta que existe uma grande diferença entre o contrato legal de quatro horas – ela já tinha tido a cidadania reconhecida e o contrato legalizado – e as doze horas que ele trabalhava: o problema não é que não o pagassem pelas doze horas, a questão é que os seus direitos trabalhistas estavam vinculados a um contrato de quatro horas. Ao reconhecimento da exploração, acabou se

⁴ Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

⁵ Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

juntando uma discussão por um motivo fútil – um mal-entendido – com uma cliente e seu marido, por causa de um carrinho de bebês que estava bloqueando a passagem no bar.

No dia seguinte ao acontecido, o proprietário do estabelecimento chamou Mateus no seu escritório, que ficava no subsolo do bar, e começou a escrever uma carta de demissão para que o imigrante a assinasse, como se estivesse pedindo demissão⁶. Quanto ele se recusou, o trentino perdeu a razão e o encheu de insultos, forçando-o a permanecer sentado, quando o jovem tentou se levantar para sair. Recordando-se que o patrão possuía porte de arma, foi tomado pelo pavor de que o mesmo pudesse atirar nele; desesperado, aproveitou que o trentino estava se sentando novamente e fugiu correndo. Passados alguns dias – primeiro entrou com atestado e depois gozou as férias que tinha direito – Mateus pediu demissão alegando justa causa⁷, e apresentando ao empregador uma série de provas: contrato não regular, fotografia do livro ponto com horas que ultrapassavam aquelas contratuais. Essa situação acabou gerando atrito com os “parentes” trentinos, que eram amigos há muitos anos do proprietário do bar e que tentaram, sem sucesso, dissuadi-lo de sua decisão. A relação terminou com uma mensagem de celular da mulher, dizendo: “já que você não que[r] tipo retroceder, em relação a questão de levar ele pra justiça, você resolva, você, ele, e o contador dele’, tipo assim como dizendo ela meio que lavou as mãos”⁸.

Depois dessa situação, Mateus conseguiu uma bolsa da Universidade de Trento e tem se mantido com ela, até o momento da entrevista, frequentando os cursos da instituição. No entanto, ele fala que algo se quebrou, que o seu encantamento com a trentinidade não existe mais, é algo mais apagado em sua mente:

era muito pra mim era muito muito forte, hoje em dia isso perdeu naturalmente, não sei se eu acostumei ou se... creio que não tenha perdido porque continua tendo valor pra mim, mas não como antes, porque hoje eu tô inserido aqui como, como um deles mesmo.⁹

É emblemático que Mateus se considere inserido e justifique sua perda de encantamento por esse fato, porque adiante ele afirma que jamais conseguirá se inserir completamente, porque sempre será um outro, mesmo com a cidadania. Outro fator relevante está relacionado a forma como o entrevistado constrói sua narrativa, logo depois da situação difícil vivida em Trento, ele relata o seu desencanto. De certa forma, as mudanças que vivencia se encontram em um conjunto de perdas – da relação com o proprietário que ele considerava como pai, com os parentes, que tinham sido seu ponto de referência – que o impelem a romper a aura positiva que envolvia o seu presente, fazendo com que o presente adquirisse uma coloração mais escura, enquanto o passado, brasileiro, era revalorizado.

Como se percebe das três narrativas selecionadas, mas a mesma situação poderia ser encontrada nas falas dos outros entrevistados, chegar a Trento dá início a um processo de transformação entre a imagem produzida na terra de partida, e que foi aquela que funcionou

⁶ Os contratos de trabalho por tempo indeterminado, como aquele que tinha Mateus, só permitem a demissão, por parte do empregador, por justa causa.

⁷ Essa modalidade é possível quando o empregado está vivendo condições específicas de exploração por parte do empregador, e acarreta um prejuízo econômico para o segundo.

⁸ Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

⁹ Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

como um importante *pull factor*; e aquela nova, nas leituras que estão sendo elaboradas na terra de chegada. Tanto a ideia de uma vaga representação produzida nos relatos do avô e nas buscas de documentos para o reconhecimento da cidadania – no caso de Mateus – quanto as experiências ítalo-brasileiras na casa dos parentes paternos, com histórias, dialeto, tradições – no caso de Paola – o as imagens dos filmes italianos e das novelas – no caso de Cristina – tudo isso sofreu um processo de releitura, de confronto, e uma nova Trento (ou uma nova Itália) foi nascendo, entre novas experiências que produziam novas expectativas.

Novas descobertas: um brasileiro em Trento

Neste terceiro ponto, o objetivo maior é procurar entender como esse imigrante – proveniente de uma determinada zona de imigração, forjado em um processo específico de relação com a cultura italiana, confrontado com certa experiência daquela Itália imaginada – vai analisando sua condição identitária e o seu pertencimento àquela realidade. Nesse contexto, duas questões são muito importantes na fala do entrevistado: um processo de descoberta da sua brasilidade e uma defasagem entre as duas Itálias, a imaginada e a vivida.

As duas questões acabam efetivamente se inter-relacionando, porque se entende que a ruptura daquele mito sobre a Itália enquanto terra encantada, considerando as paisagens e o componente humano construídos nas narrativas familiares, funciona como um *input* para a elaboração de uma nova imagem de Brasil. Em um processo de estranhamento, desde o exterior, observa-se uma nova coloração e encantamento com relação àquele país que parecia tão distante identitariamente, quando vivíamos especificamente dentro dele.

Embora sem observar mudanças específicas no comportamento de Mateus, o confronto com a nova realidade cultural vai fazer com que ele passe a reconhecer em si uma marca diversa daquela da sociedade hospedeira. Na verdade, nem mesmo o sentimento de pertença étnica e cultural forte, por causa das narrativas familiares, que produziram a introdução de um conceito de italianidade que se entendia como próprio, não será suficiente para interromper esse processo de transformação vivido nas terras dos ancestrais.

Nosso protagonista, no conjunto das entrevistas realizadas ao interno do projeto de pesquisa, foi aquele que apresentou a mudança mais radical com relação aos objetivos de seu projeto emigratório. No começo da viagem e nos primeiros contatos com a terra de acolhida, o imigrante capixaba tinha a intenção de permanecer na Itália para sempre: fazer sua graduação, procurar um trabalho, se estabelecer ali; era um deslocamento entendido por ele como definitivo. Contudo, no transcorrer de sua experiência, aquela proposta foi sofrendo um processo de revisão, o que foi promovendo uma transformação no projeto original:

a ideia de princípio era de fato... eu tinha... eu fiz essa essa... esse misticismo em torno a Itália, crescer de tal forma, que eu não queria voltar mais pro Brasil, tipo na minha cabeça, eu criei esse paraíso e quis ficar aqui, quis me mergulhar aqui, ficar aqui, a minha intenção inicial era fazer um curso universitário e ficar por aqui, trabalhar por, aqui, tipo tendo tido essas mudanças mesmo de, notado essa essa diferença mesmo de caráter, de de paradigma, em relação... eu hoje não quero ficar aqui.¹⁰

¹⁰ Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

Mateus fala que havia criado um “misticismo” com relação à Itália e que construiu, em sua cabeça, um paraíso. Seguindo sua lógica, pode-se denotar que pouco a pouco o confronto entre a Itália encantada – do momento da partida e dos primeiros tempos – e aquela concreta da experiência cotidiana foi dando lugar a um processo de desencanto, no qual a representação do paraíso foi sendo deslocada para o outro lado do oceano, para a terra de partida, para o Brasil. Deve-se destacar, todavia, que esse novo espaço encantado não é a sociedade de partida, para onde o imigrante não pretende retornar, mas é o Brasil potência mundial, é uma imagem idealizada do país, em um futuro idealizado de ascensão social. Na verdade, o país que se tinha abandonado para sempre, tornou-se terra de promessa e espaço de realização pessoal e profissional.

Por fim, mesmo considerando a questão econômica – o crescimento que se vive no Brasil e a decadência associada à Europa – Mateus diz que o fato de ter descoberto a sua brasilidade constituiu-se em um elemento a mais para a sua tomada de decisão sobre o retorno:

eu creio que... claro que a questão econômica cria uma certa euforia, não tipo... acaba que como diz legítima aqui que se tava querendo fazer, mas eu imagino que ... tipo... eu não sei...eu acho, creio que mas que interferiu mesmo essa dinâmica de fato de me sentir mais brasileiro aqui.¹¹

Mais uma vez se observa como esse contato com o outro acaba reforçando a sensação de pertencimento a cultura de origem. Nas relações interpessoais, no modo de compreender e levar a vida, no caráter, nas expressões culturais, em todos estes aspectos Mateus foi se dando conta de que não pertencia aquele espaço onde estava vivendo e que, pelo contrário, o seu modo de ser tinha marcas muito fortes da cultura brasileira.

O título do artigo fala de uma relação complexa, no que concerne ao processo identitário, dos ítalo-brasileiros na Itália, ou seja, uma dinâmica marcada por profundas descobertas que estão vinculadas tanto às suas representações com relação à terra de partida – o Brasil – quanto no que tange àquela de chegada – a Itália. Por um lado, as experiências de Mateus produzem um sentimento de não pertença à cultura local, muito embora ele seja identificado, fora do contexto peninsular, como italiano. Por outro, as diferentes relações estabelecidas no contexto trentino, mesmo com outros brasileiros provenientes de outros estados da federação, foram produzindo uma nova leitura sobre a sua identidade nacional brasileira. Com relação a essa descoberta da brasilidade, observa-se que a mesma é fortemente motivada, para além das experiências no estrangeiro, também pelas novas representações do Brasil no cenário internacional: a imagem no exterior de uma nova potência econômica não somente oferecem uma inesperada positividade aos brasileiros no exterior, mas influenciam, ainda, seu olhar sobre o país que deixaram.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹¹ Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

BENEDUZI, Luís Fernando. Os fios da Nostalgia. Perdas e ruínas na construção de um Vêneto imaginário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

LEED, Eric. **La mente del viaggiatore**. Dall'Odissea al turismo globale. Bolonha: Il Mulino, 1992.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

RICOEUR, Paul. **La memoria, la storia, l'oblio**. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2003.